

COMUNICAÇÃO ENTRE ENFERMEIRO, PACIENTE PEDIÁTRICO E FAMILIARES: INTERFERÊNCIA NO PROCESSO TERAPÊUTICO

Educação em Saúde

Elânia Kátia Costa¹; Emilianas Soares de Araújo ²; Cristina Costa Melquíades Barreto³; Rayssa de Fátima Moraes⁴

¹ Faculdades Integradas de Patos, elania_kat@hotmail.com

² Faculdades Integradas de Patos, emilianasoes24@hotmail.com

³ Docente. Faculdades Integradas de Patos, cristinacmelquiades@gmail.com

⁴ Faculdades Integradas de Patos, rayssa_fmoraes@hotmail.com

INTRODUÇÃO: A comunicação é muito importante, pois em tudo o que fazemos precisamos de uma boa troca de informações para obtermos mais sucesso em nossas atividades diárias, seja através da comunicação verbal, usando as palavras, ou por meio da comunicação não verbal, utilizando-se gestos e expressões. Na área de enfermagem a comunicação é algo imprescindível, tanto entre a própria equipe, quanto entre os profissionais, pacientes e acompanhantes, para que haja uma boa e completa assistência. O primeiro fator que o enfermeiro julga importante para conseguir praticar a teoria da humanização é a comunicação, realizando-a adequadamente, ele conseguirá agir de maneira humanizada, criando assim uma boa relação enfermeiro/paciente/acompanhante (MOURÃO et al, 2009). Na saúde da criança a comunicação é considerada como elemento integrante de qualidade de prestação de assistência de enfermagem e é fundamental para o processo de cuidar, assim torna-se essencial que os profissionais busquem meios para estabelecer uma boa comunicação com os pacientes e também com a família (MARTINEZ; TOCANTINS; SOUZA, 2013). A sobrecarga de trabalho do enfermeiro e o pouco tempo de um plantão que deve ser dividido entre atividades burocráticas e terapêuticas são alguns dos motivos que interferem negativamente na boa prática de comunicação, fazendo com que o tempo que deveria ser dedicado ao contato entre as pessoas seja cada vez menor. O enfermeiro ocupa-se com os papéis, com o gerenciamento da equipe e a administração do setor, ao passo que lhe falta tempo de tocar e olhar o paciente, de ouvi-lo. Outro fator importante a ser considerado é o imediatismo que queremos nas informações. Hoje em dia, dada a facilidade de acesso às informações e as muitas formas de comunicação, popularizadas pela internet, redes sociais e ao uso do celular até no ambiente hospitalar, as pessoas não querem “perder tempo” conversando, investigando, analisando, pois acredita-se que todas as respostas estão na internet; assim os pacientes buscam os diagnósticos prontos e imediatos, conforme os sinais e sintomas que apresentam, contudo sem o conhecimento científico que lhes permitiria relacionar os achados; já os profissionais buscam as informações rápidas, com as relações já definidas e de preferência que tragam as respostas de condutas terapêuticas prontas. No entanto, nada é capaz de substituir o contato direto, pessoa a pessoa, para uma comunicação efetiva e de qualidade, especialmente no setor de pediatria, onde o pequeno paciente muitas vezes não demonstra seus sentimentos com palavras, mas com expressões, mudança de comportamento ou simplesmente pelo olhar. Neste sentido, percebemos que ainda existe muita deficiência quando o assunto é a comunicação entre enfermeiros, pacientes pediátricos e a família, algo que compromete a assistência prestada, sendo necessária uma descrição da importância deste ato dentro da pediatria. O objetivo deste trabalho é descrever sobre a importância da comunicação efetiva entre enfermeiro, família e o paciente pediátrico e sua interferência no processo terapêutico. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão bibliográfica, onde utilizou-se como meio de pesquisa artigos de plataformas como SCIELO,

BIREME e LILACS. Os artigos foram pesquisados entre março e abril de 2017, tendo como critério de inclusão artigos publicados em português e que atendessem ao objetivo da pesquisa e como exclusão artigos em inglês e que fugissem do objetivo pretendido. Os dados foram analisados e discutidos nesta perspectiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: A interação dos profissionais da enfermagem com as famílias, bem como com os pacientes reflete em relações de ajuda, pois a partir dessa interação o familiar tem condições de avaliar o cuidado recebido pela equipe e então o hospital revela-se como um ambiente onde o cuidado profissional volta-se para a corporeidade biológica e simbólica do ser criança que vivencia a internação e do ser família (GOMES et al, 2015). Uma comunicação de qualidade entre os profissionais de saúde e as acompanhantes, por meio de vínculo terapêutico, é capaz de gerar maior tranquilidade para as mesmas, por passarem a confiar nesses profissionais e por saberem que podem contar com eles sempre que precisarem, assim quando a comunicação entre enfermeiros, pais e pacientes é eficiente, ela é capaz de reduzir a ansiedade e aumentar a aceitação deles na situação da doença e hospitalização da criança, interferindo de forma positiva no tratamento (FIGUEIREDO et al, 2013). O cuidado deve ser com total dedicação interagindo também com a família da criança, agindo com autonomia sabendo conhecer o desenvolvimento infantil e estimulando a família a participar dos cuidados à criança para que possa diminuir a angústia e também o medo (RODRIGUES et al, 2013). A comunicação, verbal e não verbal, é um dos elementos que sustentam a assistência e as ações de cuidar, possibilitando trocas verdadeiras entre o cuidador (enfermeiro) e o ser cuidado (criança), alicerçando as relações, criando vínculos, com sensibilidade e afeto (MARTINEZ; TOCANTINS; SOUZA, 2013). O enfermeiro é o profissional que mais deve buscar manter um bom relacionamento, pois é quem está por mais tempo em contato com os pacientes e acompanhantes, assim pode contribuir muito para que o tratamento da criança tenha sucesso, a partir do momento que há o compartilhamento de informações tanto com a criança como com a família, haverá então um melhor entendimento da situação e uma participação ativa de ambos no processo de recuperação da saúde, o que é muito importante para que haja uma assistência humanizada, com ética e visando atender todas as necessidades dentro do âmbito hospitalar. **CONCLUSÕES:** Com a realização desta pesquisa é percebida a tamanha necessidade de estabelecer uma boa comunicação entre a equipe de enfermagem, os pacientes e familiares, para que haja uma melhor assistência e interação com todos os envolvidos no processo do cuidar, assim como fica visivelmente comprovada a importância do ato de trocar informações, de explicar o que está sendo feito com a criança e para que está sendo feito, trazendo assim mais segurança e tranquilidade para os acompanhantes e pacientes. Apesar de ser conhecida a interferência positiva da comunicação na terapêutica da criança hospitalizada, a relação entre os profissionais, a criança e a família ainda precisa ser aperfeiçoada, pois todos precisam ter o entendimento de sua importância, objetivando um cuidado plenamente humanizado.

Palavras-Chave: Comunicação em Saúde. Humanização. Saúde da Criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. FIGUEIREDO, S. V.; GOMES, I. L. V.; PENNAFORT, V. P. D. S.; MONTEIRO, A. R. M.; FIGUEIREDO, J. V., 2013. Comunicação terapêutica entre profissionais de saúde e mães acompanhantes durante a hospitalização do filho. **Esc Anna Nery**, 17(4), 690-7. Disponível em:

- <https://www.researchgate.net/profile/Sarah_Figueiredo/publication/262464517_Therapeutic_communication_between_health_professionals_and_mothers_accompanying_children_during_inpatient_treatment/links/546de9160cf26e95bc3d73e2.pdf> . Acesso em: 28 de Março de 2017.
2. GOMES, G. C.; XAVIER, D. M.; PINTANEL, A. C.; FARIAS, D. H. R.; LUNARDI, V. L.; AQUINO, D. R.. Significados atribuídos por familiares na pediatria acerca de suas interações com os profissionais da enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 2015 49(6), 951-957. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/reeusp/article/view/108416>>. Acesso em: 02 de Abril de 2017.
 3. MARTINEZ E.A.; TOCANTINS F.R.; SOUZA S.R.; As especificidades da comunicação na assistência de enfermagem à criança. **Rev Gaúcha Enferm.** 2013;34(1):37-44. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/6752>>. Acesso em: 31 de Março de 2017.
 4. MOURÃO, C. M. L.; ALBUQUERQUE, A. M. S.; DA SILVA, A. P. S.; DE OLIVEIRA, M. S.; FERNANDES, A. F. C. . Comunicação em enfermagem: uma revisão bibliográfica. **Rev. Rene.** Fortaleza, v. 10, n. 3, p. 139-145, jul./set.2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/rene/article/view/4833>>. Acesso em 27 de Março de 2017.
 5. RODRIGUES, B. M. R. D.; PACHECO, S. T. D. A.; DIAS, M. O.; CABRAL, J. D. L.; LUZ, G. R.; SILVA, T. F. D. Perspectiva ética no cuidar em enfermagem pediátrica: visão dos enfermeiros. **Rev. enferm. UERJ**, 21(2, n. esp), 743-747, 2013. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=27811&indexSearch=ID>>. Acesso em: 05 de Abril de 2017.